

O JORNALISMO SENSACIONALISTA E OS POSSÍVEIS DESVIOS ÉTICOS NAS NOTÍCIAS

Adriana Polloni

Clóvis Furlanetto

Carlos Eduardo Marroco

Pedro Gilberto Arnaut

Sérgio da Rocha Paris

RESUMO

O jornalismo sensacionalista e os possíveis desvios éticos nas notícias propõem uma reflexão sobre a conduta de profissionais que optam pelo exagero, verificando se estes são amparados por empresas e empresários dos meios de comunicação, interessados em induzir o consumo na massa populacional, visando grandes aportes financeiros, de diversos patrocinadores, que também estão interessados neste público. O objetivo desse estudo foi para entendermos a motivação que leva profissionais a seguirem este caminho, trazendo para debate as possíveis causas encontradas. Através de pesquisas em publicações e impressões de autores diversos, em sua maioria jornalistas, pudemos verificar alguns entendimentos em comum e suposições diagnosticadas.

Palavras-chave: Sensacionalismo, Jornalismo Sensacionalista, Ética, Policialesco, Imprensa, Meios de Comunicação.

ABSTRACT

Sensationalist journalism and possible ethical deviations in news suggest a reflection on the conduct of professionals who opt for exaggeration, verifying whether they are supported by companies and media entrepreneurs, interested in inducing consumption among the mass population, aiming for large financial contributions from various sponsors, who are also interested in this audience. The objective of this study was to understand the motivation that leads professionals to follow this path, bringing to debate the possible causes found. Through research in publications and impressions of various authors, most of them journalists, we were able to verify some common understandings and diagnosed assumptions.

Keywords: Sensationalism, Sensationalist Journalism, Ethics, Police, Press, Media.

INTRODUÇÃO

Investigar os bastidores da produção do Jornalismo Sensacionalista, e a existente e permanente discussão sobre infringir a ética profissional, sua relação estreita com as fakes news. Saber que trazem consequências prejudiciais aos envolvidos nas notícias dramatizadas, se tais veículos cometem crimes contra a pessoa, infringindo bens físicos ou morais da personalidade humana, são as motivações para desenvolver este trabalho.

Buscar informações, selecionar o material mais relevante já produzido relacionado ao tema, e compilar de forma a gerar um diagnóstico sobre o assunto, com a perspectiva de uma contribuição benéfica para o entendimento e avaliação sobre os caminhos do jornalismo contemporâneo e seus desafios.

A pesquisa parte do ponto de vista de que esse segmento do jornalismo foge ao compromisso ético da profissão, e traz avaria às pessoas indiretamente ligadas aos fatos noticiados, como familiares e amigos, causando ofensas, desrespeito, e muitas vezes, danos morais.

Com a falta de legislação específica para a internet, e com a expansão desregulada das fake news, o jornalismo sensacionalista amiúde se confunde com as notícias falsas. Esta pesquisa procura entender tal proximidade, e se, de fato, muitas vezes são produzidas pela mesma fonte, ou até que ponto uma se vale da outra para arrebanhar leitores, telespectadores e internautas, transformando-os em potencial financeiro e político.

O presente trabalho procura apontar soluções, como também sugestões para que o jornalismo não perca sua credibilidade e não se banalize, perante a distorção ética e argumentativa dos que se valem da profissão para conquistar interesses pessoais, destruindo os pilares, que fazem do jornalista um profissional fundamental e necessário para a democracia do país.

Pelo momento atual do mundo - no qual percebemos comportamentos extremos, a falta de rigor na divulgação de notícias, onde qualquer pessoa pode inventar e postar notícias na Internet - verificar a ética do jornalismo se faz importante para não se perder a referência do que realmente é um trabalho jornalístico.

Questionar a expansão do jornalismo sensacionalista e sua proximidade com as fake news é de grande importância, tencionando evitar a descredibilização da imprensa, trazendo o tema para reflexão, a fim de estimular a vigília e a denúncia.

A metodologia usada foi a pesquisa feita para levantamento de informações sobre o conteúdo explorado nos últimos anos, a partir da visão de outros jornalistas e autores que publicaram sobre o tema, analisando e compilando suas opiniões, produzindo e interpretando um trabalho, com o objetivo de colocar o assunto em constante debate.

Agregada a este material, a investigação de grandes pensadores que, em outros séculos, falaram sobre situações que não envelheceram, que ainda hoje estão vivas e nos servem de reflexão.

DESENVOLVIMENTO

Pesquisando as origens do jornalismo sensacionalista, não encontramos uma variedade de informações, o que há, são reinterpretações que provavelmente vieram da mesma fonte, e que no decorrer dos anos, dos séculos, foram sendo aprimoradas. Isso nos traz um entendimento de que o sensacionalismo tem uma forte ligação com a maledicência (“fofoca”, no popular).

Esse tipo de sensacionalismo é impulsionado mais ainda pelo modelo de distribuição do jornalismo online, que, para atrair anunciantes, depende de cada vez mais cliques, o que incentiva a produção de conteúdo que não necessariamente são exemplos do chamado interesse público. (GAGLIONI, 2022, on-line).

Segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, divulgado pela Federação Nacional dos Jornalistas, em seu capítulo II, artigo 6º, é dever do jornalista: II - divulgar os fatos e as informações de interesse público; e VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão.

Código este, não cumprido pelos adeptos do sensacionalismo, uma vez que não há um Conselho Federal, como no caso dos médicos, e nem uma Ordem, como no caso dos advogados, para fiscalizar a conduta ética de sua categoria profissional.

Na nossa contemporaneidade, os chamados editoriais policiaescos, principalmente na TV aberta, com transmissão multiplicada na Internet e nas redes sociais. Aqui, encontramos o que há de mais decadente linhagem do jornalismo policial.

O que deveria ser o jornalismo policial: entendemos que este se caracterizaria pelo seguimento, onde o repórter se especializaria em assuntos relacionados às leis criminais, noções de investigação, sobre segurança pública e fatos criminais. Somente com todo esse conteúdo, podemos dizer que há um conhecimento favorável ao profissional.

O Jornalismo Sensacionalista, que teve seus dias de glória, partiu na contramão da ética. Parece não haver mais empatia, estimula-se o ódio, o preconceito racial, de gênero, etário etc., criando uma moral própria, induzindo de maneira camuflada, e exigindo do seu público, como inquisidores, que os sigam e que acreditem ser o caminho correto.

Os espaços reservados ao jornalismo, seja na mídia televisiva, na imprensa ou na Internet, há muito vêm sendo explorado excessivamente, com uma invasão de publicidade.

A publicidade em si não é problema, pois é uma antiga parceira promotora da informação. O que vem deturpando o jornalismo são os exageros, as acentuações desnecessárias, transformando as notícias em espetáculo, ou melhor, em um circo de horrores. O desrespeito ao sofrimento alheio é ingrediente necessário para o sucesso desses programas de TV focados na hipérbole da notícia. Em muitos casos, onde não haveria necessidade de se pôr em foco, se faz um estardalhaço, constringendo até mesmo quem nada tem a ver com a situação do fato.

Quando transportamos esse comportamento para a Internet, nos sites destinados à abundância dramática, multiplicam-se as atitudes abusivas, transformadas em palavras, fotos, vídeos, montagem e distorções, causando prejuízo à sociedade, ao profissional do jornalismo, e aos envolvidos com a notícia espetacular, sem dar lhes direito a reparos aos danos, e nada de apoio moral ou financeiro.

O caso da escola Base virou obrigatório nos cursos de Jornalismo. Manchetes sem investigação, divulgação de nomes sem verificação efetiva, calúnias jogadas ao vento e vidas destruídas. Há momentos nos quais a detração deixa de ser um problema moral e passa a ser criminosa. Todas as pessoas e todas as instituições erram algum momento. A pergunta difícil é: o que acontece quando o meu erro destrói de forma irreversível a vida de alguém? (KARNAL, 2016, p.77).

Por trás dessa dramatização toda estão os lucros capitalistas e seus representantes, que desprezam o sofrer alheio, e entendem que, na falta de “pão e circo” (Panem et circenses) para o desgraçado povo, ver seres humanos em um sofrimento maior que o seu próprio drama pessoal é um alívio à tão sofrida vida sem privilégios.

O aproveitamento da fragilidade financeira, e conseqüentemente educacional, ou o inverso, da população consumidora do segmento, as pausas, entre relatos exaltados e tensos, são a

parte de um mercado muito disputado entre as empresas, para dar a voz valente e autoritária (de seus repórteres-juizes) aos seus produtos.

O jornalismo de opinião cede espaço à “construção” de mercadorias de fácil consumo, na era em que o jornal cedeu seu lugar à empresa jornalística. Nas empresas jornalísticas, os anunciantes são o público-alvo identificado, e o produto, ao invés de matéria jornalística de qualidade, é chamado “audiência”. É necessário apresentar conteúdos chamativos ao público, matérias que sejam curtas, fáceis de serem consumidas e que falem de temas atraentes, espetaculares, de preferência, com muitas imagens. (CHAISE, 2007, p.5).

Contudo, uma grande empresa, com um nome a zelar, não associa sua marca a esse tipo programa - pelo menos, as que têm um mínimo de responsabilidade social.

Por este fato, os programas atraem empresas e produtos que se valem da mesma essência, usando palavras dúbias para vender produtos não tão bons ou verdadeiros como são apresentados.

O que vale mesmo é o que vende melhor no momento. E assim, se assemelha o mercado dos trinta segundos de intervalo (ou do “recadinho”, como preferem chamar os garotos-propaganda do jornalismo sensacionalista).

E os que estão à frente, são os antiéticos jornalistas que se propõem a esse tipo de comércio da notícia, embarcam neste caminho duvidoso, porque são comprados como participantes do lucro todo, perdendo o compromisso com a ética profissional.

Não poderíamos deixar de fora o jornalismo comercial e sensacionalista que se pretende popular, como aquele que incorpora o hábito da voz alternativa e, tal como manda o figurino, atua como representante do povo, autodenominando-se o pai dos desvalidos. Mas nos bastidores, enriquece-se nas costas da desgraça e do sofrimento alheio. É assim que o jornalismo sensacionalista vende a sua verdade ilusória, especialmente quando se diz a salvação ou o porta-voz de todos os problemas sociais. (GUINDANE e SILVA, 2011, on-line).

Uma imprensa responsável, respeitosa e ética, não vai informar uma mãe sobre a morte de seu filho no ar, para segurar os índices de audiência; nem exibir uma foto ensanguentada que vai rodar as redes sociais, de um trabalhador esmagado por um carro em alta velocidade. Não que tais notícias não devam ser dadas, mas é importante se preocupar com a forma como vão chegar às pessoas, principalmente familiares.

O alicerce desse jornalismo descabido se apoia em estruturas mais sólidas, que há anos - ou sempre, pelo que parece - desencaminham o pensar da população. A educação poucas vezes foi maior que o ensinar a pensar, a refletir, pois sabemos que, à classe política (com foco apenas no poder e no dinheiro, para benefício próprio e dos seus) não interessa um povo

pensante.

O jornalismo sensacionalista, assim como as Fakes News, pode ser comparado a algo viciante, e quem os produz, aos viciados. Os efeitos imediatos das drogas no organismo de uma pessoa, de euforia ou relaxamento, fazem com que o usuário queira sempre repetir essas sensações, mas, com isso, vai aumentando aos poucos a quantidade, até se perder no vício. Essa analogia do vício da droga com o vício de se exagerar, ou inventar notícias falsas é para mostrar o comportamento da imprensa e de seus colaboradores, diante do imediatismo de resultados de audiência, ou crescente e alastrante número de visualizações, garantindo o sucesso de sua empreitada - sejam elas para comover, excitar ou alarmar.

Estão sempre migrando para quem tem mais público hipnotizado, que num impulso delirante vai telefonar ou navegar, comprando (sem poder) seus produtos embusteados, entremeados com as notícias. As pessoas de maior discernimento já compreenderam há muito que as condições históricas externas de qualquer tipo constituem meras ocasiões para os verdadeiros perigos que ameaçam a existência, ou seja, os sistemas político-sociais delirantes, os quais não devem ser considerados como consequências necessárias de condições externas, mas sim como decisões precipitadas pelo inconsciente coletivo. (JUNG, 2003, p.49).

Nesses tempos de intolerância e inversão de valores, a ética fica facilmente em segundo plano. E o jornalismo segue em um rumo criminoso e sem lei. Likes e seguidores representam cifrões; cada um compra a sua ética - a que lhe é mais interessante e conveniente - e tenta impô-la como verdade absoluta. Na maioria das vezes, com tamanha amplitude, conquista seguidores para suas seitas sem propósito, de não benefício ao próximo.

Com o advento da Internet, todas as mídias jornalísticas convergiram para um mesmo ponto. Então, seja na tv, no rádio, no jornal impresso, ou nas redes sociais, todos se encontram no online, dizendo o que querem, sendo o que acham que têm que ser, falando verdades ou mentiras, apontando o dedo, julgando. E o universo das notícias virou terra de ninguém - ou de todo mundo.

Os provedores da desinformação atacam a vulnerabilidade ou o potencial partidário dos destinatários esperando que eles se alistem como amplificadores e multiplicadores. Desta forma, eles procuram encorajar-nos para nos tornarmos condutores de suas mensagens,

explorando nossas propensões para compartilhar informações por múltiplas razões. (BERGER, 2019, p.8).

A ética no jornalismo - que passa por um momento crucial - é por parte, apenas uma ponta, diante de um cenário inflamado e corroído da sociedade brasileira. O ser social, degradado e dilacerado, vem perdendo sua capacidade de conviver. Parece uma involução do ser humano. Um paradoxo, se pensarmos na evolução tecnológica e nas inteligências artificiais, que já estão sendo limitadas, numa tentativa de não perdermos o controle. O Jornalismo Sensacionalista ataca a fraqueza humana. Explora a dor e o sofrimento de uns, em prol da satisfação de outros.

Os crimes contra a pessoa são aqueles que mais imediatamente afetam a pessoa (ente humano). Os bens físicos ou morais que eles ofendem ou ameaçam estão intimamente consubstanciados com a personalidade humana. (ARRUDA, 2023, on-line).

Há uma precisão urgente de estruturação, para não dizer regulação, da terra de ninguém que se tornou a Internet. A falta de ética no jornalismo não é novidade, vem de muito antes do famoso jornal Notícias Populares, que tinha afama de que “se torcesse pingava sangue”. O jornal circulou por trinta e sete anos, tendo seu encerramento em meados de 2001, possivelmente por não poder concorrer com seus copiadores televisivos.

Mas a dominação da Rede Mundial de Computadores, e sua velocidade, têm contribuído para piorar os comportamentos éticos. Muito por causa dos transtornos obsessivos de sempre querer estar à frente dos outros, na melhor foto, no maior número de seguidores, no furo de reportagem, na reportagem de maior repercussão, mesmo que, para isso, seja necessário agir com antiética ou uma ilegalidade.

A única arma que se tem é combater denunciando, explicando para a população em geral, mostrando as artimanhas do Jornalismo Sensacionalista, seus prejuízos à sociedade, investigando, revelando, e agindo sempre com ética.

Não é uma batalha muito equilibrada, pois, o sensacionalismo está quase se tornando cultural em nosso país. Mas a denúncia é a única forma possível para o momento, uma vez que não podemos contar com nossos legisladores e nem com a vontade política.

As agências de fact-checking foram um importante passo rumo ao combate às Fake News, que como já foi falado, têm uma relação estreita com a dramatização da notícia, com o Jornalismo Sensacionalista.

Porém, é preciso que isso se amplie, que se criem formatos mais populares e acessíveis, para que todos possam colher suas informações e conclusões.

Hoje, com a tecnologia das Inteligências Artificiais em um avanço extraordinário, a adulteração de imagens, voz e corpo em movimento chegou a um nível de perfeição que torna muito difícil realizar uma perícia. Há uma urgência ética, pelo desenvolvimento de uma legislação para o mundo virtual, para que esse segmento jornalístico sensacionalista, e as fakes news, que se multiplicam na internet, sejam monitorados e punidos, ou simplesmente banidos.

CONCLUSÕES

O que se tem expressado são alertas, denúncias, insatisfações, nada mais que um combate desigual e frágil (para não dizer enfraquecido) dos que querem combater este mal. A luta ética e pela ética vem se esvaindo, não só no jornalismo, mas em diversos outros setores profissionais e não profissionais.

Pensando no Código de Ética do Jornalismo, sonha-se com o ideal nele proposto, mas, não é o que acontece, ele está longe de ser seguido e respeitado. Assim como também acontece com o Estatuto da Criança e Adolescente, Estatuto do Idoso, da Declaração Universal dos Direitos Humanos e com a própria Constituição Brasileira de 1988.

O que culmina em grandes infrações e crimes impunes, desfilados descaradamente, diante dos olhos nus de seus telespectadores, leitores e internautas.

Um comportamento ético é um comportamento empático, a ética existe para o bem-estar de todos. Se em algum lado houver dor, prejuízo, é porque tem algo que não está equilibrado. A ética não pode ser apenas bonita de se ver e se falar. Contudo, nos dias de hoje, ter ética é ter status. Ou colocaram-na no museu.

As conclusões mais aproximadas que se tem envergam para a origem financeira. Afinal, vale a pena para o jornalista sensacionalista, lucrar com o infortúnio e o sangue alheio, pois isso pode

lhe garantir uma vida de luxo, de passeios e férias internacionais, bem longe da desgraça toda que noticiou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Alyane. Crimes Contra a Pessoa. Jusbrasil, 2023. Disponível em: [https://www.jusbrasil.com.br/artigos/crimes-contra-a-pessoa/2106936388]. Acesso em: 09 junho 2024.

BERGER, Guy. Jornalismo, Fake News & Desinformação - Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. UNESCO, 2019. Disponível em: [https://brasil.un.org/sites/default/files/2024-1/UNESCO_Manual_Jornalismo_FakeNews.pdf]. Acesso em: 01 out. 2024.

BERNARDO, André. A anatomia dos vícios: porque eles surgem e como domá-los. Saúde Abril, 2021. Disponível em [https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/a-anatomia-dos-vicios-por-que-eles-surgem-e-como-domá-los/] Acesso em: 01 out. 2024.

CARVALHO, Alexandre. Qual foi o primeiro jornal da história? Super abril, 2022. Disponível em: [https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/qual-foi-o-primeiro-jornal-da-história/]. Acesso em: 01 out. 2024.

CASTELFRANCHI, Yuri. Notícias Falsas na Ciência. Ciência Hoje, 2018. Disponível em: [https://cienciahoje.org.br/artigo/noticias-falsas-na-ciencia/]. Acesso em: 01 out. 2024.

CHAISE, Maria Joana. O sensacionalismo e a dependência do jornalismo ao mercado. Intercom, 2007. Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/r0618-1.pdf]. Acesso em: 01 out. 2024.

COELHO, Alexander. A foto de Kate Middleton e o futuro da integridade das imagens e da ética jornalística. Migalhas, 2024. Disponível em: [https://www.migalhas.com.br/depeso/403379/foto-de-kate-middleton-e-futuro-da-integridade-da-ética-jornalística]. Acesso em: 01 out. 2024.

- COSTA, Viegas Fernandes. Crônica de um jornalismo que regrediu ao Facebook. *Outras Mídias*, 2015. Disponível em: [\[https://outraspalavras.net/outrasmidias/cronica-sobre-um-jornalismo-que-regrediu-a-facebook/\]](https://outraspalavras.net/outrasmidias/cronica-sobre-um-jornalismo-que-regrediu-a-facebook/). Acesso em: 01 out. 2024.
- CRUZ, Adriane. A queda da imunização no Brasil. *Revista Consensus - CONASS*, 2017. Disponível em: [\[https://www.conass.org.br/biblioteca/edicao-25-outubro-novembro-e-dez-de-2017/\]](https://www.conass.org.br/biblioteca/edicao-25-outubro-novembro-e-dez-de-2017/). Acesso em: 26 junho 2024.
- DIAS, Mabel. Policialescos são campeões em desinformação e violação de direitos. *Carta Capital*, 2021. Disponível em: [\[https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/policialescos-sao-campeoes-em-desinformacao-e-violacao-de-direitos/\]](https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/policialescos-sao-campeoes-em-desinformacao-e-violacao-de-direitos/). Acesso em: 01 out. 2024.
- FIGUEIREDO, Ana Karoline. Já ouviu falar no PL das FAKE NEWS? IESB - Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília, 2023. Disponível em: [\[https://www.iesb.br/noticias/professores-do-iesb-explicam-a-lei-brasileira-de-liberdade-responsabilidade-e-transparencia-na-internet/\]](https://www.iesb.br/noticias/professores-do-iesb-explicam-a-lei-brasileira-de-liberdade-responsabilidade-e-transparencia-na-internet/). Acesso em: 01 out. 2024.
- GAGLIONI, Cesar. Quais os limites para o jornalismo de fofoca no Brasil? *Nexo Jornal*, 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/06/27/quais-os-limites-para-o-jornalismo-de-fofoca-no-brasil>]. Acesso em: 01 out. 2024.
- GÊNOVA, Jairo José. A imprensa e a censura. *Revista Jurídica da Escola Superior do Ministério Público de São Paulo*, 2012. Disponível em: [\https://es.mpsp.mp.br/revista_esmp/index.php/RJESMPSP/article/view/16. Acesso em: 01 out. 2024.
- HOGENBOOM, Melissa. De onde vem o hábito humano de fofocar? *BBC News Brasil*, 2016. Disponível em: [\[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160131_vert_earth_fofoca_evolucao_ml\]](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160131_vert_earth_fofoca_evolucao_ml). Acesso em: 01 out. 2024.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução: Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

KARNAL, Leandro. A detração - Breve ensaio sobre o maldizer. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

MARCHESINI, Lucas. Mortos após imunização chegam a 19 mil. Entenda por que isso não reduz importância da vacinação. Metrôpoles, 2021. Disponível em: [https://www.metropoles.com/brasil/mortos-apos-imunizacao- chegam-a-19-mil-entenda-por-que-isso-nao-reduz-importancia-da-vacinacao]. Acesso em: 01 out v. 2024.

MORAES, Fabiana. Mentiras em anúncios com jeitão de notícias dão lucro a jornais. Intercept Brasil, 2023. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2023/09/13/mentiras-em-anuncios-com-jeitao-de- noticias-dao-lucro-a-jornais/. Acesso em: 01 out. 2024.

PEZZOTTI, Renato. O que morte de Marília Mendonça ensina sobre comunicação de tragédias. UOL, 2021. Disponível em: [https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/11/06/marilia-mendonca- importancia- equipes-de-comunicacao-pr.htm]. Acesso em: 01 out. 2024.

RÉ, Roxane. Alta lucratividade é o que mantém o mercado digital de fake News. Jornal da USP, 2022. Disponível em: [https://jornal.usp.br/radio-usp/alta- lucratividade-e-o-que-mantem-o-mercado-digital-de-fake-news/]. Acesso em: 01 out. 2024.

UNICEF. Fake News e vacinas. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/blog/fake-news-e-vacinas]. Acesso em: 01 out. 2024.

VÍCIO. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Cajamar: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/v%C3%ADcio/>. Acesso em: 01 out. 2024.